

III Congresso Internacional de Semiótica

A COMUNICAÇÃO DE SEM-TETOS EM SÃO PAULO: A produção e distribuição da Revista Ocas

Alessandro José Padin Ferreira¹ (CISC/Unip)

Resumo - Esta pesquisa tem como objetivo mostrar de que maneira sem-tetos podem ser reintegrados à sociedade por meio de um projeto de comunicação. A partir de uma análise da Revista Ocas, exemplar brasileiro de street paper (revistas comercializadas em espaços públicos exclusivamente por sem-tetos), vamos entender de que maneira a comunicação humana permite a reconstrução de vínculos. O estudo transcorre sob a ótica da Teoria da Mídia de Harry Pross, da Ecologia da Comunicação proposta por Vicente Romano, da Teoria da Imagem e de estudos empreendidos por autores como Boris Cyrulnik, Edgar Morin, James Hillman, Henry-Pierre Jeudy, Roberto DaMatta e Giorgio Agamben.

Palavras-chave – comunicação; inclusão; media; cultura; corpo

Abstract - This research has the objective to show how homeless can be reintegrated to the society by a communication project. It'll analyze Ocas Magazine, a brazilian case of street paper (magazines commercialized exclusively in public spaces by homeless). This work will help us to understand how the communication between human beings allows the reconstruction of bonds. The study was done by the perspective of the Theory of the Media, by Harry Pross, the Ecology of the Communication proposed by Vicente Romano, the Theory of the Image and studies undertaken from authors as Boris Cyrulnik, Edgar Morin, James Hillman, Henry-Pierre Jeudy, Roberto DaMatta and Giorgio Agamben.

Palavras-chave – communication; inclusion; media; culture; body.

A perpetuação das representações criadas em torno da capital paulista desde o início do século XX tem sido fundamentais para explicar a existência de moradores de rua e albergados. Isto conduz a dois quadros fundamentais, ambos interdependentes. O primeiro diz respeito a forma que o sem-teto é visto pela sociedade paulistana e a influência que exerce nas ações coletivas, governamentais ou não, para que se estabeleça relações com a questão. Na convergência desses dois aspectos estão os distúrbios na comunicação no espaço público, permitindo que a incomunicação² se

¹ Mestre em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC). Professor do curso de Comunicação Digital da Universidade Paulista (Unip)

² Trabalho com o conceito de incomunicação formulado por Norval Baitello Junior: “E quanto mais se aperfeiçoam os recursos, as técnicas e as possibilidades que o homem tem de se comunicar com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo, aumentam também, em idêntica proporção, as suas incapacidades, suas lacunas, seus boicote, seus entraves ao mesmo processo, ampliando um território tão antigo quanto esquecido, o território da incomunicação humana”.(Baitello Junior, Norval.; Os meios da

torne corriqueira. Dentre esses distúrbios destaco a predominância das relações verticais em detrimento as relações horizontais de comunicação no trato de pessoas em estado de vulnerabilidade psíquica e social³. Este verticalismo, já institucionalizado, é, em São Paulo, a somatória de elementos, dentre os quais os aspectos que foram vitais para a formação da identidade do paulistano⁴.

É possível encontrar em vários momentos da cidade, desde o início do século passado, situações que revelam um predominante ambiente competitivo e essa preocupação de se construir um perfil perfeito e moderno de indivíduo, o paulistano. Essa busca veio convergir, nos idos dos anos 50, com o Trabalhismo de Getúlio Vargas e, mais recentemente, com a globalização imposta pelo Consenso de Washington⁵. Em todas elas o paulistano é o que está sempre alerta para todas as batalhas. Vive-se intensamente o que RESTRETO (1998) chama de “lógica arrasadora da guerra”, que nos leva a uma postura contrária ao afeto, ao vínculo, enfim, a possibilidade da comunicação.

Se nos colocarmos na esfera da linguagem, é possível constatar que existe em nossas experiências cotidianas uma ideologia guerreira que, articulada com apreciados valores da cultura ocidental, se opõe com persistência à enunciação de um discurso sobre a ternura. Acompanhado, por exemplo, a ambição de liberdade, fazemos uma defesa exagerada da autonomia, entendida como não depender de outros para não ver coartadas as nossas possibilidades de

incomunicação. A outra face, demasiadamente humana, dos vínculos. In Baitello Junior, Norval, Org.; Contrera, Malena Segura, Org.; Menezes, José Eugênio de O., Org. Os meios da incomunicação. São Paulo: Annablume; CISC, 2005. p. 9)) Importante, também, é a contribuição de Luiz Carlos Iasbeck: “Incomunicação é um outro nome para as rupturas que azedam as relações e inviabilizam a interatividade humana” (Iasbek, L. C. A; A Incomunicação da Loucura. In Baitello Junior, Norval, Org.; Contrera, Malena Segura, Org.; Menezes, José Eugênio de O., Org. Os meios da incomunicação. São Paulo: Annablume; CISC, 2005, p.35)

³ Os termos que aqui utilizo de relações horizontais e verticais de comunicação são baseados na Teoria da Mídia criada pelo comunicólogo Harry Pross. Como afirma o pensador alemão, a sociedade é regida por representações de valor baseadas no verticalismo, agindo com conceitos de acima (superior) e abaixo (inferior).

⁴ Muitas das representações predominantes, principalmente aquelas ligadas a sociedade de consumo, são ainda mais exacerbadas em São Paulo em virtude das representações que já se faziam desde o início do século passado e que foram incorporadas a “alma” da cidade (Hillman, 1993). Falo da íntima relação com a imagem do progresso, projetada nos grandes engarrafamentos, no “mar de concreto” e, finalmente, na figuração do paulista. Isso, como veremos, é um dos pontos que inviabiliza o resgate da autonomia de sem-tetos por meio do restabelecimento de relações horizontais de comunicação. E pior: legítimas posturas higienistas

⁵ Em 1989, o economista John Williamson escreveu uma lista de recomendações sugerindo alternativas para países dispostos a reformarem suas economias. Denominado de Consenso de Washington estas idéias defendiam, dentre outras coisas, o comércio globalizado sem fronteiras e um maior rigor com os gastos públicos, o que incluía uma diminuição drástica nos investimentos em projetos sociais.

crescimento. O guerreiro, que pensa a todo momento em sua sobrevivência, tem como modelo o ser autárquico, que se basta a si mesmo, pois para ele é perigoso ter que depender em algum momento do inimigo. O endurecimento da pele e a postergação das necessidades afetivas fazem parte de sua preparação e disciplina. (RESTREPO, p.21, 1998)

Nada mais é do que a concretização da chamada ética do trabalho, concepção moral que designa a cada indivíduo a responsabilidade pela sobrevivência e explica a relação entre população de rua e vagabundagem, cerne de todo preconceito. Supera assim o conceito de injustiça, onde está fincado no pressuposto de que o estado deve estabelecer uma rede de proteção social para auxiliar os mais pobres, alijados do sistema capitalista. Tornamos guerreiros, herdeiros de Alexandre, como afirma RESTRETO (1998):

O homem que expressa com intensidade seus sentimentos pode ser qualificado de maneira pejorativa, enquanto as mães consideram que devem ser duras e rígidas com seus filhos, para que estes não se tornem “mimados” ou “frouxos”. Nada se teme tanto como a fraqueza afetiva. Quando o mundo se apresenta como um objeto de conquista, parece um tanto indesejável a linguagem da ternura. A afetividade e a ternura podem quebrar a disposição do combatente, atentando contra a efetividade da ideologia guerreira. (RESTREPO, p.23, 1998)

O lado sombrio do Paulistanismo

Tudo começou nas primeiras décadas do século XX. A pujança promovida pelo café, pela república emergente e pelos ventos tardios da revolução industrial chegou a São Paulo junto com imigrantes, migrantes, sonhadores de todas as partes. Um deslumbramento tomou conta das cada vez mais barulhentas e povoadas ruas da capital paulista. Solidificou-se a imagem de “cidade-esperança”, batizada assim pelo escritor Sylvio Floreal, ele também um “forasteiro” vindo de Santos, nos anos 20.

O crescimento vertiginoso que a capital apresentava revelava a necessidade de se inventar uma outra imagem do seu mundo. Esse processo desembocou, de acordo com o historiador Francisco Alambert ,nos anos 20, na formação da imagem do “paulistanismo”⁶. Os modernistas da Semana de 22 também colaboraram legando a

⁶ Segundo Alambert, “No século 19, o espírito paulista não ia nada bem. A ninguém ainda ocorrera dar significado transcendental à “personalidade” daquela desimportante vila. O ‘progresso’ ainda não chegara de verdade e a cidadezinha tacanha da segunda metade do século 19 era a imagem do inferno de tal modo

capital paulista um ar cosmopolita, destinada a guiar o Brasil para o futuro. É a gênese da máxima que passou a representá-la: “a locomotiva do Brasil”. O paulistano incorporou essa identidade e passou a atrair a atenção do resto do País. É possível encontrar, como afirma LAMBERT (2006), uma busca de um novo perfil, um “novo homem” por parte do paulistano:

No afã modernizante trazido pelo café e pelas crises do capitalismo internacional, que então nos favoreciam, caberá aos modernistas dos anos 20 criarem o mito do progresso, da cidade cosmopolita e aberta destinada a guiar o Brasil ao futuro, renunciando o desejo de criação de um Estado forte e "científico" a partir de São Paulo. Já estávamos prontos para fazer jus ao nosso lema ideal: 'Non Ducor, Duco' (não sou conduzido, conduzo). Em latim, o orgulho dos paulistanos, cantado em verso pelo poeta Guilherme de Almeida, dava a versão erudita da máxima modernizadora da "locomotiva do Brasil". Daí para o brasão desse novo Estado pujante -e derrotado em 1932- foi um pulo: "Pro Brasilia Fiant Eximia" (Pelo Brasil Façam-se Grandes Coisas). (LAMBERT, 2006)

Esse crescimento trouxe consigo algumas demandas. São Paulo viu sua população crescer de 239.820 para 887.810 habitantes entre 1900 e 1930. Se por um lado, João do Rio afirmava que São Paulo revelava a “característica de um país verdadeiramente constituído e de um povo de verdade”, enquanto o resto era ainda “uma mistura de várias raças ainda muito por caldear”, outro escritor, Sylvio Floreal, já mostrava que nem todo mundo tinha assento garantido na locomotiva.

Essa busca por uma “paulistanidade” representa, também, o surgimento de estereótipos⁷. Onde encontramos as primeiras caracterizações de um morador de rua nos moldes que vemos hoje. Em 1925, a obra “Ronda da Meia-Noite”, o conto “Os Parias – uma noite no albergue noturno” relata a experiência de Floreal em um abrigo existente na Rua Asdrúbal do Nascimento, 28, no Centro, no qual classifica os “mendigos” como a “fina flor da desgraça... que não querem, por cousa alguma nesse mundo, maltratar o corpo”. Percebe-se como já se configurava a imagem estereotipada do

que só mesmo o capeta, em pessoa, seria o ‘espírito’ de São Paulo” (Alambert, Francisco. Trem descarrilado. Caderno Mais, Folha de S.Paulo, São Paulo, maio 2006)

⁷ “Sintomaticamente é a partir dessa época que começam a surgir os estereótipos sobre os habitantes das várias regiões do País; assim, o carioca passa a ser caracterizado pelo seu jeito boêmio e malandro, em contraposição ao paulista, que é disciplinado e trabalhador, e ao mineiro, moderado e austero. Por trás dessas construções estava a tentativa de se determinar qual região iria comandar a nação. PINTO, Urbes industrializada: o modernismo e a paulicéia como ícone da brasilidade.”. *Rev. bras. Hist.* [online]. 2001, vol.21, no.42 ,p.435-455

mendigo/vagabundo, que causava um mal-estar à imagem de progresso que ostentava São Paulo. É possível encontrar a solidificação de conceitos que excluem os processos comunicativos da teia de relações sociais. Imersos na predominância da aparência, tem início um caminho para a homogeneização⁸ de qualquer cidadão considerado marginal. E que desembocaria nas distorções que ainda hoje não foram superadas.

O urbanismo sem planejamento nas três primeiras décadas do século XX provocou surtos e riscos às condições sanitárias. Surge uma preocupação com a “medicina social”⁹ e com ela um desdobramento: o higienismo e eugenismo, que no Brasil, “aproximavam-se de suas preocupações e determinação de tornar o País uma grande nação” (BOARINI, M. L.; YAMAMOTO, 2004). O conceito eugênico, que ficou amplamente conhecido pelas experiências nazistas durante a 2ª Guerra Mundial, e significa “a melhora progressiva da espécie e a regeneração racial” tinha sensível influência na capital paulista nas políticas públicas neste período. Esta linha de pensamento, mesmo não sendo predominante, deixou marcas profundas na medicina social até hoje aplicada em São Paulo.

Responsáveis por importante estudo sobre o tema, Boarini e Yamamoto encontraram no passado os ecos de muitos dos distúrbios que a sociedade convive hoje:

(...)em nosso entender é, sobretudo, nos limites tênues entre Educação/Psicologia/Saúde que as idéias higienista e eugenista encontram seu elixir da juventude. A título de ilustração, diríamos que é fato corriqueiro para o psicólogo, sobretudo o que atua nos serviços de Saúde Mental da Saúde Pública, receber uma grande demanda aos seus serviços oriunda da escola com a queixa de “problemas de aprendizagem” ou “problemas de disciplina”. Detalhe interessante a destacar é que, antes mesmo da avaliação do aluno pelo profissional da saúde ou até antes do encaminhamento à saúde, a queixa do mau rendimento escolar já tem sua explicação: “o aluno é assim porque tem muito piolho e o piolho dá anemia”; ou “são crianças que nascem de ventre podre” ou “porque os pais são

⁸ Entendemos como homogeneização o que o filósofo e sociólogo francês Henri-Pierre Jeudy aborda em sua obra “Espelho das Cidades” como “espetacularização” do meio ambiente urbano, ou seja, a busca de padrões de representação comuns aos olhos dos turistas e investidores nacionais e transnacionais. O que se promove, como diz Jeudy, é a “gentrificação”, a expulsão dos moradores mais pobres das áreas que passam por intervenções, que recebem moradores mais abastados ou novas funções elitizadas. Nessa nova ordem, não há espaço para os mendigos

⁹ “Morria-se de uma ampla variedade de doenças, como varíola, febre amarela, malária, tifo, tuberculose, lepra, disseminadas mais facilmente pela concentração urbana. Esta situação inquietava as classes dirigentes que aí visualizavam possibilidades de todo tipo de doença e desordem social. Esse fato, visto sob o senso comum, deixa a impressão que é a cidade a causa das doenças e, nesse sentido, a presença do médico passa a ser uma exigência urbana. Daí, a medicina social ser caracterizada como essencialmente urbana”. BOARINI, M. L.; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime . Higienismo e eugenia: discursos que não envelhecem. Psicologia Revista, São Paulo/SP, v. 13, n. 1, p. 59-72, 2004.

separados”, ou “porque o pai bebe”, ou “porque mora na periferia” etc.. (BOARINI, M. L.; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime, 2004, p.2)

Está, portanto, claro que a implantação das primeiras medidas saneantes do espaço público em São Paulo contém um elemento segregador, já que procurava a construção de um “novo homem”. De acordo com ADORNO (1990, p.9), “o isolamento dos desajustados em espaços educativos e corretivos constituía estratégia segura para a manutenção ‘pacífica’ da parte sadia da sociedade. O propósito de classificar os diferentes e confiná-los em espaços de segregação e de isolamento afinava com a modernidade do País, que renegava seu passado escravista e trilhava o caminho da civilização pela negação permanente da barbárie que se apresentava sob a forma de diversidade irresponsável e caótica”.

As três primeiras décadas do século XX são, portanto, vitais para se entender a “alma” paulistana, principalmente porque a ambição de se construir uma nova identidade também resguardava um lado sombrio, a “fina flor da desgraça” a qual se referia Floreal. Os “desajustados” sociais eram o símbolo do fracasso e, por conta disso, tratados com medidas institucionalizantes, higienizantes e segregacionistas. Exatamente como ainda é predominante atualmente e que afeta decisivamente as relações de comunicação.

Duas outras grandes transformações do século XX merecem serem mencionadas: o trabalhismo e a industrialização nos governos de Getúlio Vargas e a implantação da globalização de acordo com o Consenso de Washington, na virada dos anos 90. Ambas têm influência fundamental nas práticas econômicas que refletem imediatamente nas relações sociais. E onde são exacerbadas as representações daqueles que não se ajustam à ordem dominante.

Ocas: uma tentativa de romper a incomunicação

As raízes dessa alma paulistana deixaram como herança uma forma institucionalizada de se relacionar com os moradores de rua. Há o caminho da confinação por meio das redes de albergues¹⁰ e programas de frentes de trabalho. Não se

¹⁰ Em 2003, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) revelou em um novo levantamento a existência de 10.394 pessoas vivendo nas ruas da São Paulo (sendo 2.500 na região central). Desse total, 6.186 eram usuários frequentes de albergues. Além do aumento considerável entre uma pesquisa e outra, o que chama a atenção é que as políticas de institucionalização passaram a ser legitimadas. E, e em

incluí aí nenhuma possibilidade do restabelecimento das relações horizontais de comunicação. É um caminho complexo que a sociedade paulistana não parece disposta a trilhar. Mas sem isso, o único fruto que se colherá é a exacerbação das diferenças.

Cada vez mais, portanto, o discurso oficial do estado encontra legitimação na sociedade para aplicar medidas higienizantes do espaço público, reflexo que pode ser visto na aplicação dos orçamentos públicos da capital paulista, notadamente voltada para o albergamento e por tentativas de se revitalizar o centro pela ótica comercial e turística. O Projeto Nova Luz¹¹, por exemplo, envolve a desapropriação de 55 imóveis de uma área de 4.873 m² na "cracolândia", no bairro da Luz. Essa é uma tendência mundial homogeneizante dos grandes centros, como afirma Henri-Pierre Jeudy. O sociólogo e filósofo denuncia o que chama de "espetacularização" dos grandes centros, transformados em ambientes amorfos, ora como museus a céu aberto¹², ora como áreas de negócios, onde inviabiliza-se a aventura da transmissão, ou seja, a comunicação.

Há, no entanto, tentativas de se romper esse verticalismo. Os street papers são um exemplo disso. A Revista Ocas, exemplar brasileiro do gênero, foi lançada em 6 de julho de 2002 em São Paulo e em 8 de julho do mesmo ano no Rio de Janeiro. Criada pela Organização Não Governamental OCAS (Organização Civil de Ação Social), a publicação surgiu influenciada pelo trabalho da londrina Big Issue e pelo primeiro exemplar latino do gênero, a argentina Hecho em Buenos Aires. A proposta dessas publicações de rua, que hoje chegam há cerca de 40 espalhadas por 15 países, é o de reintroduzir desabrigados na sociedade por meio do contato, ou seja, pelo restabelecimento das relações comunicativas. As revistas produzidas por corpos voluntários (onde não raro contam com textos elaborados pelos próprios sem-tetos) e são vendidas pelos moradores de rua em pontos de grande concentração de pessoas. Parte dessa venda fica para os próprios.

A OCAS segue os preceitos estabelecidos pela Internacional Network of Street Papers (INSP), a rede internacional de publicações de rua. O projeto funciona da

princípio, vêm carregadas, nas entrelinhas, de objetivos higienizantes a fim de promover a privatização dos espaços públicos, uma das "exigências" do neoliberalismo definido pelo Consenso de Washington.

¹¹ O Projeto Nova Luz é uma proposta da Prefeitura de São Paulo de revitalizar a área que é conhecida como "Cracolândia", situada entre as avenidas Duque de Caxias, Ipiranga, Rio Branco e Cásper Líbero e a rua Mauá. O projeto é o de transformar a área em um pólo de comercial e de serviços para empresas de tecnologia.

¹² No prefácio da obra "Espelho das Cidades" (JEUDY, 2005), a pesquisadora Paola Berenstein Jacques relata o que aconteceu em Salvador (Bahia): "O projeto, dito de revitalização, do Centro Histórico de Salvador (Pelourinho), por exemplo, literalmente 'limpou' o sítio histórico ao expulsar seus habitantes e suas respectivas práticas cotidianas populares e substituí-las por simulacros culturais turísticos"

seguinte forma: todos os vendedores da revista são pessoas em situação de rua; após tomarem conhecimento dos princípios do projeto, recebem uma credencial, uma área de venda e exemplares gratuitos para iniciarem o trabalho; a partir disso passam a comprar cada exemplar por R\$ 1,00 e a revender pelo preço de capa, R\$ 3,00. Os vendedores ficam com a diferença no ato da venda. Mesmo tratando-se de uma experiência que ganhou projeção pela possibilidade de oferecer uma oportunidade de geração de renda para sem-tetos, o que chama a atenção é a estratégia.

Nesta questão, o que se destaca é a chance de uma aproximação física, um contato em mídia primária e secundária, segundo PROSS (1973). Aliás, é o comunicólogo alemão que dá uma grande contribuição ao afirmar que o homem não nasce mediante o trabalho, senão mediante a comunicação. O homem é o resultado das forças comunicantes que, ainda que diferentes, são compatíveis. Esta compatibilidade tem pressupostos físicos e psíquicos, entre os quais Pross menciona a “mobilidade e a linguagem”. E dentre as distorções provocadas pela negação do que não é semelhante está a eliminação da população de rua. Em São Paulo, a crescente privatização do espaço público demonstra isso. A possibilidade desse tensionamento, esse contato mais estreito no espaço público, é um passo importante para romper o que RESTREPO (1998) chama de analfabetismo afetivo:

Ao buscar uma articulação do público com o privado, da macropolítica dos planos estatais com a micropolítica da vida cotidiana, das análises magistras da cultura com a microsociologia e a psicologia da intimidade, o que nos anima não é tanto iniciar uma luta pela consagração de um novo direito constitucional – que poderia muito bem permanecer como letra morta, sem cumprir-se na vida social, como já aconteceu tantas vezes na história – mas gerar novas perspectivas de análise que permitam entender problemas como a violência, a democracia ou a autogestão pública e comunitária, a partir de um cenário onde são problematizadas as rotinas diárias (RESTRETO, p. 11, 1998)

É uma ação onde se dá os primeiros passos para relações horizontais de comunicação. Há um progressivo tensionamento das relações no ambiente onde é mais favorável para os sem-tetos: a rua. O espaço público transformado em um ambiente propício ao contato evita com que aquele morador de rua desejoso pela reinserção no sistema saia do círculo vicioso da incomunicação. Como afirma Cyrulnik:

(...) Quando o homem culpado não encontra, em seu redor, as estruturas afetivas, sociais e culturais que lhe permitem transformar o sofrimento em excesso de humanidade, só lhe resta a auto-agressão...para sofrer menos! É o que se vê entre os melancólicos que se tranqüilizam mutilando-se, porque o sofrimento físico é menos doloroso do que a culpabilidade que os tortura. CYRULNIK (1997, p.85)

Quando essa barreira da incomunicação é rompida percebe-se que é possível se iniciar um novo aprendizado afetivo.

“Eu senti um abandono total. As pessoas não falavam comigo. As pessoas que me conheciam nem me davam atenção. Pra falar a verdade eu tenho muita dificuldade em falar o que passei, o que vivi. Depois eu conheci a Ocas. Estou me mantendo. Estou em albergue, não estou na rua (...) Pra mim é muito importante porque eu abro um espaço na sociedade. As pessoas passam a me conhecer. Eu dialogo com as pessoas e antes isso não conhecia.” S.B.C (vendedor da revista Ocas. Vive no albergue Arsenal da Esperança, no Brás, em São Paulo)

“Eu chego mostrando a revista, como por exemplo, a que tem a entrevista do MV Bill, que é um cantor de rap que fala sobre a rua. A gente leva essas idéias porque as idéias de moradores de rua também são válidas. Não é porque de repente a pessoa é um nada que não pode ter uma grande idéia. Às vezes a pessoa ta deitada ali no chão é porque não tem outro lugar. Ela pode ter uma idéia sadia. “. G.M.S. (vendedor da revista Ocas. Vive em um albergue no bairro do Glicério, em São Paulo.)

“Na relação ta indo bem, porque eu me relaciono bem com as pessoas, pois eu sou uma pessoa meio retraída. Às vezes eu me isolo das pessoas. Mas isso ta me ajudando a trabalhar esse meu problema. Antes da Ocas eu me isolava mais. Eu não participava do convívio com as pessoas.”. R.L.S. (vendedor da revista Ocas. Vive em um albergue na Bela Vista)

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio (2004) Estado de Exceção – Homo Sacer II, I. São Paulo: Boitempo

BAITELLO JR., Norval (1997) O Animal que Parou os Relógios – Ensaio sobre Comunicação, Cultura e Mídia. São Paulo: Annablume

BAITELLO JR., Norval (2005) A Era da Iconofagia. São Paulo: Hacker

BORIN, Marisa do Espírito Santo (2004) Desigualdades e rupturas sociais na metrópole: moradores de rua em São Paulo. Dissertação apresentada à PUC/SP para obtenção do grau de Doutor em Serviço Social

CISC (2004) O Espírito do Nosso Tempo – Ensaios de Semiótica da Cultura e da Mídia. São Paulo: Annablume.

CISC (2005) Os Meios da Incomunicação. São Paulo: Annablume

CYRULNIK, Boris (1995) Os Alimentos do Afeto. São Paulo: Ática

CYRULNIK, Boris (1999) Do Sexto Sentido – O Homem e o Encantamento do Mundo, Lisboa: Instituto Piaget

GIORGETTI, Camila (2004) Entre o higienismo e a cidadania: análise comparativa das representações sociais sobre os moradores de rua em São Paulo e Paris. Dissertação apresentada à PUC/SP para obtenção do grau de Doutor em Sociologia

HILLMAN, James (1993) Cidade e Alma. São Paulo. Nobel

JEUDY, Henri-Pierre (2005) Espelho das Cidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra

LORENZ, Konrad (1973) Os Oito Pecados da Civilização. Lisboa: Litoral Edições

PROSS, H. BETH, Hanno (1973) Introducion a la Ciencia de la Comunicacion. Barcelona. Anthropos.

PROSS, H. (1980) Estructura Simbólica del Poder. Barcelona: G.Gil

PROSS, H. (1989) La Violência Simbolica del Poder. Barcelona: Anthropos

RESTRETO, L.C. (2000) O Direito a Ternura. Petrópolis: Vozes

ROMANO, Vicente (2004) Ecologia de la Comunicacion, Hondarribia: Argitaletxe HIRU

SWITHINBANK, Tessa (2001) Coming Up from the Streets: The Story of the Big Issue. London: Earthscan Publications

YASBEK, Maria Carmelita (1994) Os Vínculos Afetivos e Familiares dos Homens de Rua. Dissertação apresentada à PUC/SP para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social

Artigos

BAITELLO JR., Norval. A Mídia antes da Maquia. 16 de outubro de 1999. JB On Line, Caderno Idéias. Disponível em www.cisc.org.br

BAITELLO JR., Norval. As Irmãs Gêmeas: Comunicação e Incomunicação – Os Meios da Incomunicação. Disponível em www.cisc.org.br

PROSS, H. A Economia dos Sinas e a Economia Política. (Texto de apresentação do Seminário “A Explosão da Informação”, ocorrido de 26 a 28 de agosto de 1997, no auditório Sesc Paulista)

PROSS, H. Violência Simbólica y Violência Física. Primer congreso internacional sobre infancia, juventud y comunicación audiovisual. Generalitat Valenciana, Valencia/1991